



A embaixadores, Flávio pede mais observadores no pleito

Em evento em Brasília, pré-candidato à Presidência da República pelo PL fala sobre as urnas eletrônicas e sugere que países enviem a maior quantidade possível de representantes para supervisionar as eleições gerais de outubro

» ARMANDO HOLANDA
» DANANDRA ROCHA
» LUIZA ALTOÉ

Pré-candidato à Presidência pelo PL, o senador Flávio Bolsonaro pediu, em encontro com embaixadores, que os países enviem “a maior quantidade de observadores possíveis” para supervisionar o pleito, em outubro.

“Não estou questionando o sistema de eleição brasileiro, mas que todos os países possam mandar a maior quantidade de observadores possíveis para nossa eleição e pessoas que têm conhecimento sobre essa tecnologia”, declarou, durante reunião organizada pela agência Novo Selo Comunicação e pelo site *The Brazilian Report*, ontem, em Brasília.

Representantes das embaixadas no Brasil de Estados Unidos, China, Israel, Alemanha e Reino Unido — além de outros 35 países — estavam presentes no evento. Além deles, enviados de dois blocos: a União Europeia, que reúne 27 Estados-membros; e a Liga dos Estados Árabes, com 22 membros, incluindo Arábia Saudita, Egito e Emirados Árabes Unidos.

No discurso, Flávio afirmou que um documento da CIA — a agência de inteligência dos Estados Unidos — apontou manipulação nas eleições venezuelanas de 2010. “Uma das suspeitas é que uma empresa chamada Smartmatic, de origem venezuelana, uma das suspeitas é que tenha havido uma programação para alteração das votações naquele país nas eleições de 2010”, enfatizou. “Só para deixar registrado que muitas dessas máquinas que são utilizadas nas eleições brasileiras têm a mesma origem dessa empresa venezuelana”, acrescentou.

Em 2020, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou uma nota

Raul Spinasse



No evento em Brasília, Flávio Bolsonaro disse que o pai está inelegível por causa da reunião que fez com embaixadores em julho 2022

em que negou o uso de aparelhos da Smartmatic. “São falsas as mensagens que circulam nas redes sociais segundo as quais a empresa Smartmatic fornece urnas eletrônicas ou softwares utilizados em urnas no Brasil”, escreveu a Corte. “Todo o projeto da urna eletrônica brasileira e do sistema eletrônico de votação foi concebido e é gerido inteiramente pela Justiça Eleitoral do país.”

Flávio disse ainda que seu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), está preso justamente por um encontro com diplomatas. “Jair Bolsonaro está inelegível após uma reunião com os embaixadores. Alguém que tinha uma preocupação com

a transparência e a segurança do nosso sistema eleitoral, e apenas manifestou suas preocupações para que os embaixadores levassem essa preocupação para os seus países”, afirmou.

Em 2023, o TSE condenou Bolsonaro à inelegibilidade. A decisão ocorreu em uma Ação de Investigação Eleitoral (AIJE) aberta para apurar a reunião com embaixadores, em julho de 2022, em que o então presidente colocou em dúvida a lisura das urnas eletrônicas.

No encontro, Jair Bolsonaro levantou dúvidas, sem apresentar provas, sobre a integridade dos equipamentos e o resultado que sairia do pleito.

Vice indefinida

Flávio deve ser confirmado como candidato do PL na convenção nacional do partido, que ocorrerá neste fim de semana. A definição do nome que ocupará a vaga de vice na chapa, no entanto, segue em aberto. O presidente do partido, Valdemar Costa Neto, indicou que a palavra final caberá a Jair Bolsonaro, atualmente em prisão domiciliar por tentativa de golpe de Estado e outros crimes.

Embora a cúpula do PL tenha intensificado as conversas nos últimos dias antes da convenção, interlocutores admitem que a definição depende de negociações

políticas e da capacidade de o nome escolhido ampliar a aliança em torno da candidatura. O foco está em encontrar uma vice mulher, como forma de diminuir a rejeição a Flávio entre o eleitorado feminino.

Para tentar avançar nessa definição, Costa Neto se reuniu, ontem, com a senadora Tereza Cristina (PP-MS). A ex-ministra da Agricultura era considerada uma das favoritas para compor a chapa por ter bom trânsito no agronegócio e no Congresso, além da relação próxima com Jair Bolsonaro.

Tereza Cristina, porém, recusou. Costa Neto relatou ao **Correio** que a parlamentar reafirmou o interesse por outro projeto político:



Não estou questionando o sistema de eleição brasileiro, mas que todos os países possam mandar a maior quantidade de observadores possíveis para nossa eleição”

Flávio Bolsonaro (PL-RJ),
pré-candidato à Presidência

concentrar esforço na eventual candidatura à Presidência do Senado em 2027. “Esse é o desejo dela”, resumiu o dirigente.

A recusa obriga o PL a manter abertas outras frentes de negociação a poucos dias da convenção partidária. Entre os nomes que permanecem no radar está a deputada federal Clarissa Tércio (PP-PE). Ligada ao eleitorado evangélico e uma das principais aliadas de Bolsonaro em Pernambuco, a parlamentar afirmou ao **Correio** que receberia um eventual convite com entusiasmo. “Seria uma honra fazer parte do projeto do nosso capitão”, disse, em referência a Bolsonaro.

Outra opção analisada é a economista Daniella Marques, presidente da Caixa Econômica Federal no governo passado. O principal crítico é Costa Neto. Ele já declarou publicamente que Daniella “não tem voto” suficiente para ocupar a vaga de vice.

Como a convenção será neste fim de semana, a expectativa é de que o anúncio da vice ocorra posteriormente, próximo do fim do prazo-limite — a definição tem de ocorrer até 5 de agosto. **(Com Agência Estado)**

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

O fantasma de Cristiano e a sombra de futuro dos líderes de oposição

O mineiro Cristiano Machado (1893–1953) era advogado e diplomata quando se aventurou na política. Ex-prefeito de Belo Horizonte antes da Revolução de 1930, nas eleições de 1950 seu nome saiu da cartola dos caciques do PSD para enfrentar o candidato da UDN, Eduardo Gomes. Durante a campanha, porém, perdeu o apoio em seu próprio partido e de aliados para a candidatura de Getúlio Vargas. Essa traição recebeu um nome hoje consagrado na política brasileira: “cristianização”.

Foi uma espécie de conto da carochinha. Em 15 de maio de 1950, reunidos na casa de Cirilo Júnior (presidente do partido), os caciques do PSD indicaram Cristiano à Presidência. O político mineiro ficou de procurar Getúlio Vargas

(PTB) e Ademar de Barros (PSP), oferecendo a vice-presidência na chapa. O general Góis Monteiro transmitiria essa escolha ao presidente Eurico Gaspar Dutra. Vargas não fez objeção.

Entretanto, a ala getulista do PSD do Rio Grande do Sul recusou-se a aceitar a candidatura de Cristiano. Membros do PSP comunicaram que também não apoiariam o nome de Cristiano, já que a candidatura de Vargas seria apoiada por Ademar. Mesmo assim, o nome de Cristiano Machado foi aclamado no dia 9 de junho. A convenção do partido não contou com a presença da maioria dos representantes gaúchos.

Vargas venceu as eleições de 3 de outubro de 1950 com 3.849.040 votos, grande parte de redutos do PSD. Seus caciques promoveram

um processo de esvaziamento eleitoral que ficou conhecido no jargão político como “cristianização”. Com 1.697.193 votos, Cristiano ficou atrás de Eduardo Gomes, que teve apoio de 2.342.384 de eleitores.

Está em curso uma operação de cristianização do candidato do PL, Flávio Bolsonaro, que até agora se mantém como principal candidato de oposição, graças à força do bolsonarismo nas redes sociais. No mundo político e empresarial, entretanto, Flávio está sendo abandonado; em determinados segmentos evangélicos, também. A tese é de que não será capaz de vencer Lula no segundo turno, e um candidato conservador mais experiente e moderado teria o perfil ideal para derrotá-lo.

Quem pretende vestir esse

figurino é o ex-governador Ronaldo Caiado (PSD), que também corre risco de “cristianização”, mas ganhou novo fôlego. A escolha do ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, presidente do PSD, para vice reanimou sua candidatura, que busca o apoio do Centrão. Remanescente das eleições de 1989, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Caiado saiu do governo de Goiás com grande aprovação e sempre teve grande trânsito entre lideranças do agronegócio e da área médica mais conservadora.

Caiado agora disputa o apoio do União Brasil e do Progressistas, de Ciro Nogueira e Arthur Lira, que sempre foram contra a candidatura de Flávio, por achar que não seria páreo para Lula. Com apoio de Kassab, também

costeia o alambrado do Progressistas, partido do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, aliado natural de Flávio Bolsonaro, mas que até agora não indicou a vice do candidato do PL.

Egoístas e altruístas

Para o neodarwinista Richard Dawkins, autor de *Deus, um delírio*, somos uma “máquina de sobrevivência” de um gene cujo objetivo é a autorreplicação, isto é, a perpetuação da espécie. Ao analisar a reprodução sexuada dos animais, Dawkins buscou uma explicação para a convivência entre o egoísmo dos genes e o altruísmo das espécies. Uma espécie de “cluster” biológico garantiria a sobrevivência e replicação de ambos.

O cuco é uma das espécies mais egoístas: procria, mas não educa os filhos; põe os ovos no ninho de outras aves, aproveitando sua ausência. Quando o dano do cuco nasce, joga os demais ovos para fora do ninho, matando os filhotes legítimos para ser criado no lugar deles. Quando cresce,

bate asas e vai embora. A analogia serve para muitos políticos.

Como no beisebol, na política é muito comum o sujeito achar que o bom rapaz terminará por último. O ardil, a dissimulação, a esperteza e a falta de escrúpulos parecem ser a regra do jogo. Mas a política também exige altruísmo, ou seja, a cooperação com os demais integrantes da espécie para não entrar em extinção. É aí que os bons rapazes podem virar o jogo e acabar em primeiro.

E a “sombra de futuro”? O conceito é dos militares ingleses, refere-se à estratégia de sobrevivência dos soldados ingleses, franceses e alemães no final da Primeira Guerra Mundial, quando eles começaram a cooperar tacitamente no front, em alguns casos abertamente. Esperavam os políticos e generais acabarem com a guerra. Como eram jovens, tinham uma expectativa de vida civil muito maior do que a deles. Até que ponto Tarcísio e Michelle Bolsonaro querem que Flávio ganhe as eleições? São potenciais candidatos em 1930. Caiado e Kassab estão se movimentando em busca dessa resposta.